
RASTROS DE MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA CORONEL OLÍMPIO DOS REIS (1910) DE SOCORRO - SP*

Laerthe de Moraes Abreu Junior

Docente da Universidade Federal de São João del-Rei
Tiradentes - MG

Fernando Montini

Pedagogo, docente do ensino Fundamental em
Socorro, SP.

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação sobre as práticas escolares de uma escola pública da cidade de Socorro, no interior de São Paulo. Trata-se da Escola Coronel Olímpio dos Reis, a mais antiga da cidade, fundada em 1910, como Grupo Escolar de Socorro. O objetivo foi localizar antigos professores e alunos da escola para que narrassem relatos das práticas escolares da escola. Em seguida, estes sujeitos, vistos como protagonistas da história da escola dispuseram materiais diversos guardados, mas nem sempre com o devido cuidado. São fotos, jornais, revistas, almanaques, boletins, cadernos e livros escolares que oferecem uma base para a compreensão da cultura escolar visto de dentro da escola. O material encontrado e recolhido é fonte importante para a análise de como essa escola se constitui como parte integrante no processo de formação da cidade a partir da república.

Palavras-Chave: Cultura material escolar. Práticas escolares. História e memória.

Abstract

This paper shows a research in a public school of the city of Socorro in São Paulo. The school, called Escola Coronel Olímpio dos Reis is the oldest school in the city, funded in 1910. We tried to found ancient teachers and pupils of the school in the aim to relate who the classes were done. In the next step, those people, who are the protagonists of the history of the school, given several kinds of material so as: newspapers, magazines, almanacs, notebooks and school books, to understand the school culture seen from inside the walls of the school. This material is an important resource to judge who this school was created as a part of the process of the city formation in the beginning of the brazilian republic.

Keywords: Material school culture. School practices. History and memory.

Introdução

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de rastros das práticas escolares da Escola Coronel Olímpio dos Reis. A

gênese dessa escola remonta a meados do século XIX. O que poderia indicar a possibilidade de uma grande e variada quantidade de documentos e registros históricos, na verdade se apresenta como um

* Recebido em: junho de 2006.

* Aceito em: junho de 2006.

desafiante e penoso trabalho de coleta de fragmentos e preenchimento de lacunas de dados muitas vezes fundamentais que se perderam no descaso com que a memória educacional é tratada por seus responsáveis (educadores e educandos). Em situações com esta e na maioria das vezes, o pesquisador lida com impressões vagas ou com a superestimação das lembranças dos sujeitos envolvidos, o que dificulta ainda mais a triagem daquilo que pode ser considerado significativo e relevante para a investigação.

Feita a ressalva, é preciso asseverar o quê de expressivo as práticas escolares representam das situações concretas vividas no âmbito educacional: as aulas e sua preparação, as lições e seus materiais; enfim, o ensino e a aprendizagem e os nexos com o cotidiano escolar de seus sujeitos é o que de melhor se explicita quando a pesquisa em história da educação parte de dentro dos processos e investiga as relações que se produziram nesse ambiente cultural peculiar, mal conhecido e pouco explorado nas investigações do campo educacional.

A pesquisa empreendida que resultou nesta publicação¹ procurou localizar, identificar e analisar a documentação referente às práticas escolares da história da Escola Coronel Olímpio dos Reis com a finalidade de contribuir para a formação da memória educacional não só da cidade como da região, e compreender de que forma os movimentos educacionais promovidos pela República chegavam a locais afastados das capitais e dos grandes centros urbanos.

Cultura Material Escolar e Práticas Escolares

Se a ausência de dados concretos, encontrados em acervos e arquivos bem organizados e bem guardados pode até ser completada pelos depoimentos e testemunhos daqueles que vivenciaram os acontecimentos, os fatos e os processos, ou então que estudaram ou pesquisaram essa realidade, assim mesmo é preciso entender que a história é uma construção feita, também com os fragmentos e lacunas.

A história da educação, que por muito tempo, restringiu-se às discussões em torno dos aspectos legais e formais, dos processos e dos sujeitos das esferas mais altas do poder político, começa nos últimos vinte anos a valorizar experiências educacionais pontuais, tão diversas quanto singulares, como fonte insubstituível do estabelecimento da real dimensão da cultura educacional e de suas relações com a vida social, cultural e política.

Vários autores se dedicam a este campo de pesquisa definido por grande parte deles como cultura escolar, isto é, “um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.10). Esse campo da cultura escolar por sua vez é preenchido pela presença (assim como pela ausência significativa) de materiais que dão concretude aos conhecimentos e as práticas trabalhados no âmbito da escolarização. Neste contexto, Hébrard se dedica em uma de suas pesquisas à análise de cadernos escolares, pois “o caderno, tanto por sua inserção na história da escola quanto pela preocupação de conservação da qual foi objeto, é certamente um testemunho precioso do que

¹ Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq e desenvolvida no Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco de Bragança Paulista, SP com o apoio do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação – CDAPH, da mesma instituição.

pode ter sido e ainda é o trabalho escolar” (HÉBRARD, 2001, p. 121). Diz ainda que como os cadernos ainda existem em grande quantidade (apesar do descarte de milhões de exemplares ao longo dos séculos) são um importante organizador do tempo escolar (HÉBRARD, 2001, p. 122). Neste exemplo do caderno, vê-se a importância de um dispositivo tão corriqueiro e comum como agenciamento de controle e de organização das práticas escolares e ainda mais, vinculando-o à realização da dimensão temporal, elemento fundamental para a compreensão dos processos educativos. Já Alain Choppin pesquisa os manuais escolares enquanto transmissores de um sistema de valores, de uma ideologia e de uma cultura: “El manual se presenta como el soporte, el depositario de los conocimientos y de las técnicas que en un momento dado una sociedad cree oportuno que la juventud debe adquirir para la perpetuación de sus valores” (CHOPPIN, 2000, p. 109). Agora, vê-se o material escolar representando a realização dos valores sociais imprescindíveis para a formação da cidadania.

Há outros dispositivos que chamam a atenção dos pesquisadores. Se para Anne-Marie Chartier os dispositivos têm uma amplitude conceitual que chega à fragilidade, torna-se necessária uma nova proposição:

Deixemos provisoriamente em suspenso o estatuto do conceito (será que há interesse em condensar nesse mesmo termo uma instituição, um ritual, uma ferramenta, uma tecnologia?) para ver o que seu uso permite aclarar, quando se trata de categorizar as práticas escolares (CHARTIER, 2002, p.13).

Para ela, os materiais (uma parte fundamental dos suportes) contribuem para organizar o trabalho escolar, e com esta visão os pesquisadores têm um maior acesso ao funcionamento dos processos educativos.

Nota-se que há uma convergência de interesses entre os investigadores e estudiosos da cultura escolar: os conhecimentos e as práticas que se manifestam, a partir das relações que os agentes educacionais (educadores e educandos) estabelecem com os suportes físicos escolares, quer sejam cadernos, manuais ou outros dispositivos técnicos empregados dentro da escola. Por isso a definição de um campo de pesquisa chamado de cultura material escolar vem contribuir de forma significativa para os trabalhos sobre cultura escolar, sem pretender roubar-lhe o destaque. A cultura material escolar parte desse conjunto de objetos, ou se quiser de dispositivos, mas sua compreensão e seu sentido histórico se elaboram no plano das relações culturais e não somente na evidência concreta e na comprovação ou condenação de sua eficiência técnica.

Assim, para pesquisar as práticas escolares, o plano da cultura material escolar oferece um panorama amplo, diversificado e complexo, onde se estabelecem vínculos de significação a partir sim dos objetos, mas também dos rastros e indícios que apontam o sentido social e cultural das ações empreendidas ao longo da história.

A Escola Coronel Olímpio dos Reis e os Materiais Escolares

A Escola Coronel Olímpio dos Reis é a mais antiga escola pública da cidade de Socorro, SP. Fundada em 1910 como Grupo Escolar de Socorro, sua criação é o resultado da reunião de duas escolas régias, uma para meninos (1846) e a outra para meninas (1866). Destas antigas escolas mal se conservam rastros de sua presença na cidade, estando reduzida, praticamente, a

depoimentos orais a comprovação não só de sua existência, como da importância na história da educação dessa região. Já o Grupo Escolar de Socorro, fundado em 1910 num prédio de estilo neoclássico, tão ao gosto da moda das construções oficiais da nascente República brasileira², está visivelmente instalado no centro da cidade e sua presença é a materialização da memória educacional de Socorro. A história da educação da cidade se confunde com a própria história da escola, pois foi a única referência para várias gerações que tiveram acesso pela primeira vez à escolarização. Misto de patrimônio e mito, as lembranças sobre as práticas escolares, quando há ausência substancial de documentação acabam por serem entendida mais no plano das idealizações, e dos desejos do que supostamente teria sido na vida dos cidadãos em sua formação escolar.

Assim este trabalho partiu não só do exame da documentação existente ainda no antigo prédio escolar – e foram poucos os achados significativos para a pesquisa – como da busca de sujeitos que pudessem contribuir para a localização de testemunhos sobre as práticas escolares da Escola Coronel Olímpio dos Reis. Não foi grande surpresa encontrar parte da documentação espalhada pela cidade. E isto só foi conseguido após percorrer muitas pistas que nem sempre levavam a achados significativos. Ora havia pessoas que se recusavam a serem entrevistadas, ora aquelas que aceitavam conversar não traziam contribuição relevante.

Entretanto, no meio desse conturbado caminho, havia uma pessoa de grande valia para o trabalho pretendido. Tratava-se de uma antiga aluna, depois

professora e, finalmente, diretora da escola. Elza Martha Fontana, após aposentar-se, dedicou-se a pesquisar a história da cidade de Socorro e este interesse, também envolveu, naturalmente, a história da Escola Coronel Olímpio dos Reis. Foi a partir do contato com ela que surgiram alguns documentos e fragmentos de indicadores das práticas escolares.

A Documentação Encontrada

A documentação guardada na escola é bastante incompleta e dispersa. Sem organização melhor que a simples indicação do título naqueles materiais que possuem capa, está dividida por depósitos e salas onde há, ou havia espaço de sobra, como numa estante na cantina, ou em outra no auditório e ainda uma outra estante na biblioteca. A maior parte da documentação trata de registros de matrícula e de fichas de professores. A grande quantidade desse tipo de documento se explica pela necessidade da escola prover os pedidos de ex-alunos e ex-professores sobre sua passagem na escola, tanto para fins curriculares no primeiro caso, quanto trabalhistas, no segundo. Não há cadernos, nem manuais escolares. Encontrou-se uma grande quantidade de livros empoeirados e sem uso no porão. Em sua maioria são livros de literatura e alguns livros didáticos, que fizeram parte da biblioteca e foram retirados de lá, pois ocupavam muito espaço. Curiosamente, na secretaria da escola, em cima de um armário, há uma escarradeira, e ninguém soube explicar sua presença ali, nem identificar a época em foi utilizada como material escolar.

Há, em Socorro, um pequeno museu municipal que conserva fotos, jornais e outros

² O modelo para estas construções é o prédio da Escola Normal Caetano de Campos, inaugurado em 1894 na Praça da República da cidade de São Paulo (MONARCHA, 1997).

materiais, mas que mostram de forma muito superficial ou quando não insignificante, o que foram as práticas escolares naquela escola.

Entretanto, na residência de Elza Fontana encontram-se materiais significativos, alguns dos quais nem mesmo ela, que estuda a história da escola percebeu seu valor. Assim, se há uma parte da documentação guardada zelosamente no arquivo pessoal da antiga professora, há um quarto onde, em meio a velharias e coisas inúteis, encontram-se cadernos de alunos, manuais escolares, cadernos de planejamento, entre outros documentos, espalhados pelo chão e já bastante deteriorados pela ação do tempo.

Numa investigação sobre as relações entre os arquivos pessoais e a autobiografia, Priscila Fraiz analisa a documentação dos arquivos de Capanema. Apoiada em Foucault ele utiliza o termo grego *hypomnemata*³ para associá-lo à construção consciente e deliberada que o ministro de Vargas empreendeu em seu “arquivo-memória para a fixação de uma identidade” (FRAIZ, 2000, p.85). Aqui se vê como uma ação como essa empreendida por Capanema, se por um lado oferece uma lógica pronta que tenta conduzir a interpretação do pesquisador, por outro lado oferece uma riqueza de materiais já organizados, o que permite uma relação dialógica e crítica com esse arquivo, favorecendo o trabalho do historiador.

No entanto, o caso da investigação deste trabalho é outro. Como se trata de um material sem organização, torna-se difícil perceber e, conseqüentemente, percorrer o vínculo lógico entre esses materiais e sua

importância no entendimento das práticas escolares o que deixa logo de início o pesquisador em um emaranhado de dúvidas e cautelas. Como esses materiais podem contribuir para a construção sistemática de uma história das práticas escolares? De que forma eles são testemunhos válidos para a tarefa pretendida? Deve-se trabalhar ao sabor do acaso e seguir os rastros que se tornarem mais evidentes?

Diante das dificuldades de opção, seguiu-se uma estratégia cautelosa. Foram selecionados poucos materiais, isto é, somente alguns rastros, para estabelecer ponderações e reflexões sobre o significado e a relevância desses materiais na relação com o próprio procedimento adotado. É digno de nota destacar de antemão que a tarefa empreendida é apenas uma amostra do que pode ser trabalhado e, conseqüentemente, não compreende todas as dimensões possíveis de serem utilizadas em pesquisas desse gênero.

Rastros de Memória

Nesta seção estão relacionados dois tópicos correspondentes à análise de cada material selecionado.

1. Os documentos mais antigos

1.1 Os três documentos selecionados inicialmente pertencem à própria família de Elza Fontana. Todos os três referem-se à vida escolar de Maria Benedicta Oliveira, mãe de Elza. O primeiro é um “Boletim de recepção dirigida a alumna”, datado de 16 de março de 1911 e assinado na parte interna pelo

³ Segundo Fraiz: “Os *hypomnemata* se constituíam em cadernos pessoais de notas onde se registravam citações, fragmentos de obras, ações e exemplos testemunhados ou lidos, reflexões e debates ouvidos ou rememorados. Guia de conduta, mais do que apenas auxiliar de memória, os *hypomnemata* serviam de construção, para o indivíduo, de um “arquivo” de discursos de que se podia utilizar quando fosse necessário agir” (FRAIZ, 2000, p. 84).

Director do Grupo Escolar de Socorro Eurico Borges de Almeida. Na capa há o desenho de um menino em trajes nobres franceses do século XVIII. Usa uma peruca branca com um laço na parte de trás dos cabelos. Com a roupa típica daquela cultura: babado na gola e nas mangas, meias brancas e sapatilha escura, faz um reverência e porta um leque na mão direita. Pode-se perguntar o motivo de tal imagem no boletim de uma escola pública brasileira e uma resposta plausível pode estar na construção de um imaginário pautado na idealização da cultura estrangeira como modeladora de nossos “rudes e incivilizados” hábitos. A contracapa traz a bandeira do Brasil no centro e em cima uma pequena estampa com dois anjinhos sentados lendo. Mais uma vez fica difícil compreender o motivo de associação das duas imagens. No máximo pode-se arriscar a associação da imagem da criança que aprende com um ser celestial.

O mais valioso, porém é o texto do interior do boletim. São 12 tópicos que começam por: “1 – A ESCOLA é uma grande família. Ahi deve existir, para o bem de todos, a cordialidade e o respeito mútuo, que ligam os membros de uma mesma familia.” E terminam com: “12 - A MAIS BELLA DAS CORAGENS é aquella com que se diz a VERDADE. Sem a coragem não póde existir a VERDADE; sem a verdade, nenhuma outra VIRTUDE.” Nota-se que o boletim é todo ele constituído de preceitos morais que devem ser cultivados na escola. Assim o primeiro documento que a criança recebe ao entrar na escola é um manual de boa conduta. A redação do texto condiz bem com a preocupação de europeização e de regeneração da população brasileira (SOUZA, 2000, p.60), pois a proposta vigente na época tinha também como objetivo a educação de “virtudes morais” e as autoridades educacionais não acreditavam

que nossa cultura de per si fosse portadores desses “bons hábitos”.

1.2 O segundo documento é um boletim do 3º ano do curso preliminar, também de 1911, em que consta na primeira coluna o lugar da aluna na escala. Das colocações possíveis de março a dezembro, esta obteve um 3º lugar em março, um 2º em agosto e nos restantes sempre esteve em 1º. A segunda coluna corresponde à media dos exames. Não há discriminação das disciplinas cursadas. Apenas se percebe que houve exames em abril, setembro e dezembro e em todos eles a aluna Maria Benedicta tirou a nota máxima 5 que no verso está explicitada num quadro denominado “Significação das notas” como “Optima”.

1.3 Finalmente, o último documento é um diploma referente à “aprovação obtida no quarto anno” o que significa o “ certificado de habilitação, visto ter concluído os estudos do curso preliminar”. O documento é datado em 14 de dezembro de 1912 e assinado pelo mesmo diretor Eurico Borges de Almeida. O fato curioso é a idade da aluna. Nascida em 3 de maio de 1897, Maria Benedicta terminou seu curso preliminar, o que é equivalente ao curso primário, ou à quarta série do ensino fundamental com 15 anos e 7 meses. Isto nos faz refletir sobre a idade com que as crianças começavam seus estudos escolares. Numa época de grande analfabetismo na população e de falta de escolas (é só recordar que o Grupo Escolar de Socorro foi fundado em 1910) é de supor as dificuldades de entrada das crianças na escola numa idade recuada. Quando Maria Benedicta entrou na escola? 1910 ou 1911? Se tinha 13 ou 14 anos, importa menos que indagar como e se fizera estudos anteriormente? Os registros históricos nos falam dos estabelecimentos privados na casa de professores ou das próprias famílias se encarregarem das primeiras letras, mas no caso pesquisado,

somente o material encontrado é insuficiente para e concluir algo sobre a aprendizagem desta jovem em sua primeira infância. A própria Elza, hoje com 80 anos tem uma vaga idéia de que sua mãe teria estudado antes na escola régia, e mais não sabe informar.

2. Cadernos de professora

Para este tópico foram selecionados dois cadernos correspondentes ao trabalho didático de Elza Fontana como professora de ensino primário.

2.1 O primeiro é um caderno de 1950 denominado “Semanário”. Dele constam os resumos dos conteúdos trabalhados semanalmente. As aulas eram ministradas de segunda a sábado. O caderno se inicia com a semana de 13 a 18 de março e vai até 12 de agosto, com uma interrupção nas férias entre 25 de junho e 31 de julho. Depois da semana de 7 a 12 de agosto de 1950, a página seguinte apresenta o título de Classe de Educação Infantil e se refere à semana de 20 a 26 de abril de 1953. Na primeira coluna das matérias de Educação Infantil aparecem: Canto; Desenho; Cálculos; Contos; Educação Sanitária; Educação Moral; Declamação; Ginástica e, por último, Dobraduras. Depois desta página, as 103 páginas restantes do caderno, mais da metade estão em branco.

Logo de início surgem algumas ponderações: Por que a professora parou de registrar o conteúdo das aulas, se ainda estava no início do segundo semestre? Por que iniciou um novo trabalho de planejamento de outro tipo de ensino três anos mais tarde e parou em seguida? E por que guardou esse caderno incompleto? São questões que o material não tem como contribuir para responder. Entretanto ele não é um material silencioso e pouco útil. Mesmo só com poucas páginas preenchidas, apresenta

muito das práticas da professora.

Vê-se em primeiro lugar que eram ensinadas juntas as três primeiras séries primárias. Elza listava o conteúdo de cada uma, separadamente. Na última coluna, da página do caderno, a coluna das observações, há anotações variadas como: “Não foram dadas as aulas seguintes: a) cópia substituindo palavras por sinônimos (2º ano), b) História do município (3º ano); ou há desenhos diversos: jarro, aparelho digestivo, três patinhos e o número 3; e na página da semana de 5 a 10 de junho há um carimbo de visto feito e assinado pelo Diretor e Auxiliar de Inspeção. As matérias relacionadas na primeira coluna são bem diversificadas e nem sempre se repetem na mesma ordem ou estão presentes em todas as semanas: Leitura; Linguagem; Aritmética; História; Geografia; Noções; Geometria; Caligrafia; Desenho; Instrução moral; Canto (às vezes junto com Declamação, ou às vezes esta aparece como matéria separada); Trabalhos manuais (aparece também algumas vezes Dobraduras); Cálculos e Ginástica que aparece na semana de 20 a 25 de março e depois só nas 2 semanas de agosto, quando terminam as anotações de 1950.

Não foi feito um exame minucioso de cada matéria relacionada, mas nota-se o empenho da professora em registrar um conteúdo vasto e variado, diferente para cada série. No entanto, ele é o testemunho da presença constante de um conhecido currículo, que durante boa parte do último século, permaneceu de certa forma estático e imutável até nossos dias. Esta permanência aponta muito firmemente para a necessidade que o professor tem em estabelecer princípios duradouros em seus domínios.

2.2 O segundo caderno é um material de 1962 denominado “Diário de Lições do 4º ano

masculino B”, 1962.

Diferente do anterior, não só por referir-se a uma só turma – e neste caso percebe-se pela letra B que há mais de uma turma de 2º ano - como as aulas são ministradas separadamente para meninos e meninas. Há uma outra diferença do anterior: a transcrição não só do conteúdo diário, como dos exercícios a serem feitos. Inicia-se no dia 19 de fevereiro de 1962 e termina antes do final do ano letivo em 23 de outubro. A página seguinte, a última do caderno traz algumas anotações a lápis encabeçadas por Diarista: 1 p. \$ 2,00; 2 p. 7,00. Mensalista: 1 p. \$30,00; 2 p. \$ 100,00. Logo abaixo aparecem 16 itens que se referem a um possível conteúdo de geografia, pois o 1- é América do Sul e o 16 – Região Centro-Oeste. O que seriam aquelas anotações iniciais? P. seria abreviatura de período? E aquele valor seria referente ao trabalho do professor? Certamente, são questões de difícil resposta, mas que aguçam o interesse e a curiosidade, justamente por serem anotações espontâneas e que têm uma aparência de registro autêntico das preocupações cotidianas com o valor do salário ou do dinheiro.

Neste caderno, nota-se o zelo da professora em diariamente organizar seu trabalho de forma metódica e paciente. As aulas continuam a ser ministradas de segunda a sábado. Percebem-se, também rastros das práticas escolares empreendidas. Todos os dias o trabalho se

inicia com um canto: Hino do Grupo; Hino à Escola; “Hino à Bandeira; Brasil Unido; Trabalhar; Avante companheiros”. Por estes títulos supõe-se que os cantos procuravam não só enaltecer o civismo como também desenvolver o sentido moral entre as crianças.

Os conteúdos não se repetem nos mesmos dias da semana e se muitos são idênticos aos que aparecem no “Semanário” de 1950, há também variações como Canto Orfeônico, Higiene (separada de Ciências) e Educação Moral e novidades como Califasia⁴ e Religião. É oportuno indagar o que faz a matéria Religião aparecer no ensino público, se seu conteúdo é católico e não abarca outras religiões⁵ ?

Também neste, como no caderno de 1950, há preocupação de apresentar grande quantidade de conteúdos. É importante refletir sobre todo esse trabalho de transcrição de exercícios no caderno, sabendo-se que a prof^a. (e os alunos também, naturalmente) dispunha de livros didáticos de várias áreas do conhecimento para a realização de muitos exercícios. Isto pode nos dar uma pista sobre a utilização do tempo escolar com essas atividades: assoberbar os alunos com cópias e repetições de exercícios e assim fixar o conteúdo e também ocupar ao máximo a duração da aula de forma a evitar a dispersão e a algazarra tão comuns em crianças nessa faixa etária. Mais uma vez

⁴ Lê-se no Dicionário Houaiss que califasia é: “arte ou técnica de pronunciar as palavras de modo expressivo ou elegante”. Num outro caderno, de uma ex-aluna guardado na coleção de Elza Fontana, há uma anotação com letra de criança logo no alto da primeira página: “Califasia= poesia”. Daí se conclui que Elza substituiu a antiga matéria de Declamação por Califasia. De fato é um nome pomposo e que causa mais impressão por sua erudição.

⁵ Alguns exemplos de conteúdo católico trabalhado pela professora: “Sinal da Cruz”; “Catecismo: Credo – Mandamentos – Sacramentos - Orações”; “Divisão do Catecismo – 1ª lição: Explicar quaresma”. É provável que essas aulas seriam preparação para a 1ª comunhão. O que é de estranhar é a escola pública, que é laica em seus princípios, cumprir um papel, que compreende à igreja católica e usando o espaço, o tempo e o dinheiro públicos para tal finalidade.

as aulas de educação física são registradas em pouquíssimas ocasiões e se as outras matérias como canto e calígrafia se fazem na sala de aula, é de se imaginar que os alunos passavam a quase totalidade de seu tempo escolar sentados em suas carteiras. Daí a ênfase na realização dessa grande quantidade de tarefas.

O caderno apresenta um visto do Diretor em 26/4/1962 e é o único registro de controle externo. Com isso pode-se também ponderar: o caderno era uma necessidade da prof^a ou uma tarefa obrigatória da profissão naquela escola? Seja qual for sua utilidade, e mesmo que tenha sido feito para o simples atendimento às normas escolares, ele chega aos dias de hoje como um documento singular e valioso para a história da educação.

Conclusão

Conforme o pesquisador se debruça sobre as fontes primárias das práticas escolares como essas, ele se depara com um manancial muito rico de possibilidades. Como se tratam de registros de longa duração, mesmo que haja lacunas e ausências significativas, o material ao qual se tem acesso proporciona um fluxo

inesgotável de relações. De alguma forma a cultura material escolar se aprende na própria feitura de suas pesquisas, pois a localização e a seleção de materiais significativos e as posteriores considerações e análises têm uma dimensão tão real que atinge a própria figura do pesquisador. No contato direto com os materiais, a relação entre a teoria e a prática pode adquirir um novo significado. No momento da investigação, momento único, dado que os materiais são sempre singulares, o pesquisador põe em cheque suas certezas, suas convicções e até seus conhecimentos, pois ele está diante de algo novo e inédito, algo que é de sua inteira responsabilidade se apropriar.

Este trabalho apresentou, propositalmente, apenas uma visão parcial de como se investiga na área de cultura material escolar. Assim, foi necessária uma seleção para trabalhar com cuidado numa área ainda pouco explorada, e não é relevante que os documentos disponíveis sejam incompletos e não atendam a todas as dimensões das práticas escolares. Desta forma, muitos outros materiais relevantes não puderam ser considerados. Se isto pode parecer uma limitação, por outro mostra a fecundidade que esta área oferece para pesquisas em história da educação.

Referências

CHARTIER, A. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.3, p. 9-26, jan./jun, 2002.

CHOPPIN, A. Pasado y presente de los manuales escolares. In: BERRIO, J. R. (Ed.). **La cultura escolar de Europa: tendências históricas emergentes**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

FRAIZ, P. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, A. de C. (Org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio: FGV, 2000.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França –

Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p. 115-141, jan./jun, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p. 9-43, jan./jun, 2001.

MONARCHA, C. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção da imagem da criança. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

SOUZA, M. C. C. C. de. **Escola e memória**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.